

ENTREVISTA SOBRE AS TRAMAS E SENTIDOS DOS CORPOS COM DAVID LE BRETON¹

*Interview about the Weavings and Meanings of Bodies
With David Le Breton*

Entrevistador
MYAZHIOM, Aggée Célestin Lomo²

Tradução e apresentação
ZARIAS, Alexandre³

APRESENTAÇÃO

Nesta entrevista com David Le Breton, realizada por Aggée Célestin Lomo Myazhiom, temos o privilégio de desbravar novos caminhos na compreensão do corpo humano e sua relação com a sociedade. Le Breton, renomado autor nos domínios da sociologia e antropologia do corpo, esmiúça a complexidade da experiência humana e a forma como a nossa percepção do corpo molda nosso entendimento do mundo ao nosso redor. Ele aborda uma ampla gama de tópicos, incluindo a fragmentação do corpo na

¹David Le Breton é professor de sociologia na Universidade de Estrasburgo. Membro sênior do Instituto Universitário da França (IUF). Titular da cátedra "Antropologia dos Mundos Contemporâneos", do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Estrasburgo (USIAS). No Brasil, publicou, entre outros: *Condutas de risco* (Autores Associados, 2009); *Adeus ao corpo* (Papyrus, 2013); *Antropologia da dor* (Unifesp, 2013); *Antropologia do Corpo* (Vozes, 2016); *Antropologia dos sentidos* (Vozes, 2016); *Sociologia do corpo* (Vozes, 2017); *Uma breve história da adolescência* (PUC-Minas, 2017); *Desaparecer de si* (Vozes, 2018); e *Rostos: ensaio de antropologia* (Vozes, 2019).

²Universidade de Estrasburgo. <https://orcid.org/0000-0002-8680-6106>. Professor Associado. Membro do Laboratório Interdisciplinar em Estudos Culturais (LinCS) - UMR 7069 e também do Instituto Temático Interdisciplinar LETHICA - Literaturas, ética & artes. Associado Global da Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (TUFS), Japão. *Fellow* do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Estrasburgo (USIAS). lomo@unistra.fr

³Fundação Joaquim Nabuco / Universidade Federal de Pernambuco. <https://orcid.org/0000-0002-1198-7328>. Pesquisador e professor do Programa de pós-graduação em Sociologia. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Universidade de Estrasburgo. alexandre.zarias@fundaj.gov.br

sociedade contemporânea, o papel da medicina no tratamento de doenças, as angústias dos adolescentes, os impactos da Covid-19, e até mesmo as consequências éticas e morais das novas tecnologias que estão reconfigurando nossa existência.

Num diálogo esclarecedor e provocativo, Le Breton nos conduz por uma jornada intelectual, examinando as múltiplas facetas do corpo humano, tanto em seu aspecto físico, encarnado, quanto simbólico, e seu papel fundamental na configuração da identidade e das relações sociais. Seus pontos de vista não apenas iluminam aspectos cruciais da contemporaneidade, mas também desafiam nossas concepções tradicionais, abrindo novas perspectivas sobre o futuro da humanidade e a constante incerteza contemporânea de nossa relação com o próprio corpo.

Esta entrevista, originalmente conduzida e transcrita em francês, integra uma publicação coordenada Aggée Célestin Lomo Myazhiom⁴. Ela foi realizada por ocasião do Colóquio "Corpos, Identidade(s) e Sociedades". Em torno de David Le Breton", que ocorreu na Universidade de Estrasburgo, França, nos dias 8 e 9 de setembro de 2022. Esse evento reuniu pesquisadores e pesquisadoras de diversas partes do mundo, todos engajados nos temas de pesquisa que David Le Breton vem explorando ao longo de sua carreira.

Palavras-chaves: entrevista; David Le Breton; sociologia; antropologia; corpo.

PRESENTATION

In this interview with David Le Breton, conducted by Aggée Célestin Lomo Myazhiom, we have the privilege of exploring new paths in understanding the human body and its relationship with society. Le Breton, a renowned author in the fields of sociology and anthropology of the body, delves into the complexity of human experience and how our perception of the body shapes our understanding of the world around us. He addresses a wide range of topics, including the fragmentation of the body in contemporary society, the role of medicine in disease treatment, the anxieties of adolescents, the impacts of Covid-19, and even the ethical and moral consequences of new technologies that are reconfiguring our existence.

⁴ Entrevista originalmente publicada, em francês, no livro *Corps, identités et sociétés. Autour de David Le Breton* (Éditions des Archives Contemporaines, Paris, 2024, ISBN 9782813004697) sob a direção de Aggée Célestin Lomo Myazhiom.

In an enlightening and provocative dialogue, Le Breton takes us on an intellectual journey, examining the multiple facets of the human body, both in its physical, embodied aspect, and its symbolic role, and its fundamental role in shaping identity and social relations. His perspectives not only shed light on crucial aspects of contemporaneity but also challenge our traditional conceptions, opening new perspectives on the future of humanity and the constant contemporary uncertainty of our relationship with the body.

This interview, originally conducted and transcribed in French, is part of a publication coordinated by Aggée Célestin Lomo Myazhiom. It was conducted on the occasion of the colloquium "Bodies, Identity(ies), and Societies: Around David Le Breton," which took place at the University of Strasbourg, France, on September 8 and 9, 2022. This event brought together researchers from various parts of the world, all engaged in the research themes that David Le Breton has been exploring throughout his career.

Keywords: interview; David Le Breton; sociology; anthropology; body.

Pergunta: Em "La chair à vif", você escreve o seguinte: "os limites do corpo delineiam a ordem moral e significativa do mundo. Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social, um distúrbio introduzido na coerência do mundo". Essa citação parece importante para entender o caminho do seu trabalho. O que você quer expressar com essas palavras?

David Le Breton (DLB) - O corpo é uma espécie de espelho da sociedade. Um espelho moral. A fragmentação do corpo reflete no mundo contemporâneo uma fragmentação do sujeito e do mundo. Quando menciono essa frase em "La chair à vif", estou me referindo ao transplante de órgãos e a certos usos médicos do corpo humano que dispersam o corpo ao infinito. Todas essas práticas multiplicam os dilemas éticos e dispersam o sujeito. Inscrito na tradição fenomenológica, considero o sujeito como um ser de carne encarnado no mundo. Portanto, o corpo não é uma soma de órgãos que finalmente desenha um homem. O corpo é o homem em si. Nós somos nosso corpo, ele não é um objeto em nossa posse. A fragmentação do corpo é a fragmentação do homem. Pensar os limites do corpo é outra maneira de pensar os limites do mundo.

Pergunta: A fragmentação do corpo não coincide com a desintegração das vidas?

DLB - Nossas sociedades não consideram mais o corpo como um destino, uma fonte identitária radical, mas sim como uma matéria-prima, um acessório da presença, uma forma a ser encenada ou reconfigurada da melhor maneira possível. Ele não é mais do que uma proposta, remodelável, portanto, ninguém mais é obrigado a mantê-lo como está no momento para si. A qualquer momento, é possível retomá-lo em mãos. A fragilidade do corpo, sua vulnerabilidade à doença, ao envelhecimento tornam-se intoleráveis. O corpo sempre foi o grão de areia irônico que lembra ao homem a humildade de sua condição. A vontade de poder de nossas sociedades hoje não o aceita mais, não suporta mais esses limites nos quais estamos confinados. Daí a emergência desse discurso transhumanista, discurso eminentemente religioso, neognóstico, que se exalta com a ideia de que estaríamos entrando em um mundo "pós-evolucionista", "pós-biológico", os americanos falam agora até de "pós-humano". Uma vertente radical da tecno-ciência pretende remodelar esse corpo, reconstruí-lo para torná-lo finalmente eficaz, performático, durável. É o sonho do ultraliberalismo de aumentar ao infinito as performances. Sonha-se em acoplar a informática e a carne, enquanto se espera se livrar da carne. Geneticistas nos afirmam, sem rir, que em breve as doenças desaparecerão da superfície do mundo. Cada sociedade fantasiou sobre fontes da juventude, as nossas não escapam disso, elas só têm menos humor e sonho. Quer-se mudar o corpo para mudar a vida, mas é a vida que nos muda. Além disso, não se trata aqui de mudar para aumentar o gosto de viver, mas para otimizar o rendimento das megaempresas. Há uma sobrevalorização religiosa da técnica como instrumento de salvação do mundo. Caímos de forma ingênua no mito do "progresso" da ciência, confundindo progressão das técnicas e "progresso" moral, enquanto a meu ver há mais uma relação inversa. O progresso técnico não para de favorecer o pior. Nunca estivemos tão impregnados de tecnologias de todo tipo, mas nunca o mal-estar de nossas sociedades foi tão doloroso. Sem contar, é claro, as consequências ecológicas, climáticas, econômicas e políticas dessa dominação das tecnologias, especialmente as digitais.

Pergunta: Sobre as identidades mutáveis e as marcas corporais: elas podem ser alteradas infinitamente ou existe um momento de parada em que o indivíduo pensa que alcançou um ponto final?

DLB - O sujeito é o único responsável por esse tipo de formação pessoal. Hoje, o corpo é vivenciado como um objeto e um objeto inacabado, sempre a ser remodelado para não perder a última novidade do mercado. Os jovens que marcam seu corpo hoje com tatuagens, piercings ou outras coisas realmente sentem que estão mudando seu senso de identidade a ponto de valorizar a dor. Em essência, a mensagem que eles transmitem é a seguinte: "doeu, mas foi justamente isso que marcou para mim o quanto era importante o que eu estava vivenciando". É bastante surpreendente, pois não estamos longe dos ritos de passagem das sociedades tradicionais onde a dor desempenha um papel importante; mas não é um rito de passagem no sentido de Van Gennep ou dos antropólogos americanos. Estamos em um rito individual de passagem. Ou seja, a iniciativa tem significado apenas para o jovem que a realiza. Estamos na fabricação da identidade pessoal, há realmente uma mutação ontológica no sentido de Mircea Eliade. Os jovens certamente sentem que não são mais os mesmos: há um antes e um depois da tatuagem. A identidade torna-se fractal, pois o indivíduo pode passar de uma ação social para outra para mudar sua aparência e, portanto, sua identidade. Mudamos nosso corpo para mudar nossa vida, a vontade de mudar de pele, de renovar-se. Um inconsciente da língua acompanha esses processos.

Pergunta: Você acha que a sociedade não impõe limites?

DLB - O problema dos mundos contemporâneos reside justamente nesta ausência de limites simbólicos. Por exemplo, a maioria dos atletas de esportes extremos nos dizem que realizam suas performances para superar seus limites, descobrir seus limites, saber do que são capazes, etc. O esporte extremo representa a vertente mais visível de uma questão que é colocada a todos os indivíduos no mundo atual. Trata-se da questão da legitimidade da existência em um mundo que não tem mais um quadro de referência, uma sociedade sem direção comum, sem bússola e onde a questão do proibido é substituída pela de saber se qualquer coisa é possível ou não. Se for, avançamos. Isso é evidente, por exemplo, no campo da medicina, onde um serviço hospitalar ajuda casais durante anos a terem filhos, e ao mesmo tempo, o mesmo serviço auxilia uma jovem numa interrupção voluntária de gravidez. Eis o exemplo de um

mundo sem limites, ou melhor, baseado apenas na liberdade individual: as mesmas pessoas que se dedicam para um casal ter um filho eliminam outro feto. Os quadros simbólicos se apagam e levantam para muitos a questão do sentido da vida e do que se pode esperar de sua existência. São grandes questões antropológicas às quais a sociedade não responde mais. Vivemos numa sociedade de indivíduos e as respostas são agora pessoais, mas alguns fracassam em encontrá-las, sua liberdade lhes pesa. Penso na frase de André Gide que dizia, em essência: "Terrível é uma liberdade que não é guiada por nenhum dever". A maioria de nós, mesmo eu que sou privilegiado, muitas vezes nos perguntamos sobre os anos vindouros, questionando: quem serei? Onde estarei? Em que mundo viverei principalmente? Aos setenta anos, constato que o mundo mudou consideravelmente diante dos meus olhos em um tempo incrivelmente curto. O mundo que era meu aos vinte anos é fundamentalmente diferente do dos jovens de hoje. É um mundo infinitamente menos hospitaleiro. Internet e smartphones não são de forma alguma uma libertação da comunicação, como alguns pensam em uma visão do mundo profundamente religiosa; não acredito que a genética ou as neurociências que nos envolve hoje sejam uma coisa boa; pelo contrário, é politicamente perigoso porque banaliza formas temíveis de eugenia e racismo, de clichês, estereótipos, suas consequências são igualmente perigosas no tratamento de pacientes. É um mundo cujo quadro simbólico explodiu. Como eu digo às vezes, nada nos impede hoje de pegar, daqui a pouco, um avião para Canberra e amanhã estaremos entre os Aborígenes. É um mundo de liberdade absolutamente fascinante, mas esmagadora ao mesmo tempo. Porque é, antes de tudo, a liberdade de alguns em detrimento de uma grande maioria, e depois é uma liberdade carente de uma bússola que permita a orientação do caminho. É por isso que vemos muitas pessoas perdidas, que falam constantemente em desafios (claro, já que nada mais nos é garantido). Em uma sociedade onde os limites de sentido envolvem os indivíduos, não nos questionamos sobre desafios: sabemos o que podemos esperar dos outros, sabemos o que os outros esperam de nós, sabemos mais ou menos como nossa vida será orientada. Hoje estamos no deslocamento desses referenciais. A partir do momento em que tudo se torna problemático, tudo se torna desafio. É por isso que o termo desafio se tornou uma das palavras-chave do vocabulário. Tudo se torna desafio para muitas pessoas. Porque tudo é medido: temos que lutar por qualquer coisa.

Pergunta: Essa propensão ao desafio não é também acelerada pela tecnologia? Você menciona isso em "L'adieu au corps" e, depois, em "Anthropologie du corps et modernité", quando fala sobre esses seres se transformando em demiurgos...

DLB - Várias formas de demiurgia se encontram aqui. Nós nos tornamos agora os próprios demiurgos do nosso corpo e, portanto, do nosso próprio senso de identidade. Tentei mostrar uma convergência implícita na vontade de modificar a estrutura do corpo a um nível "artesanal", por assim dizer, em uma série de práticas hoje comuns, como o fisiculturismo, marcas corporais, cirurgia estética, dietas, psicofarmacologia cotidiana como forma de gestão do humor, etc., ou a um nível tecnocientífico com a "fé" na medicina genética do futuro, onde alguns já fantasiam sobre a possibilidade de inventar diferentes formas de humanidade, ou certas correntes da cibercultura, como os transhumanistas, que sonham em eliminar o corpo em favor de um mundo virtual que imaginam sem limites. Há nessas abordagens diferentes um crescendo que era meu fio condutor em "L'adieu au corps". No cotidiano, por falta de controle sobre a própria existência em um mundo que parece cada vez mais inatingível, controla-se o corpo. Uma maneira simbólica de não perder o lugar no tecido do mundo. A enorme popularidade das marcas corporais (tatuagem, piercing, etc.) permite assim que jovens insatisfeitos com sua pele, insatisfeitos com suas vidas, corrijam uma imagem infeliz de seu corpo, construam uma identidade, se reintegrem ao mundo, também se diferenciando de seus pais. Eles se apropriam simbolicamente do corpo que seus pais lhes deixaram desde esse momento. Eles se colocam no mundo. Uma estudante me disse após uma tatuagem que estava emocionada porque finalmente sentia que seu corpo estava completo. Digamos que esse primeiro nível é o de um sentimento de inacabado na relação com o corpo, ele alimenta o entusiasmo pelas marcas corporais, dietas, fisiculturismo, etc., ou o fato de não poder mais viver sem o psicotrópico que permite dormir, levantar, estar em forma, não estar mais ansioso, etc. Digamos para refinar ainda mais meu argumento que a tatuagem, por exemplo, é uma assinatura de si mesmo, eu assino meu corpo como minha propriedade com um logo pessoal. Mas do outro lado, conhecendo uma moda quase paralela à da tatuagem, você tem milhões de jovens que se cortam em um contexto de sofrimento. É o objeto do meu livro "La peau et la trace. Sur les blessures de soi". Ao contrário da assinatura, trata-se mais de riscos. Quer-se apagar um corpo que adere à pele de uma identidade intolerável.

Outro nível de análise, o de um corpo percebido como um rascunho a ser corrigido, melhorado, entramos aqui no domínio da tecnociência, ou melhor, em uma de suas correntes que experimenta a decepção diante do fato da encarnação do homem. O tema do ódio ao corpo é muito antigo em nossas sociedades, remonta aos Pitagóricos, a Platão, ganha força com as diferentes filosofias gnósticas que analisam o corpo como o lugar da queda, e penso que hoje encontramos essa ideia sob uma forma secularizada do sentimento da imperfeição do corpo como causa ou consequência da imperfeição do mundo. Trata-se, portanto, de acreditar que as doenças serão erradicadas, a própria morte eliminada ou a duração da vida infinitamente prolongada, de pensar que é possível retardar o envelhecimento, etc. A questão do porquê nunca é colocada, nem a da incrível desigualdade dos homens diante da saúde hoje. Em nossas próprias sociedades, doenças da pobreza que se acreditava desaparecidas estão renascendo hoje com força dentro de nossas sociedades, enquanto alguns falam de clonagem ou de entalhe genético da personalidade. É também neste campo que encontramos o discurso entusiasmado sobre o ciborgue, os chips eletrônicos misturados ao corpo, etc.

O terceiro nível é o mais radical, encontrado na cibercultura americana, e nos diz que o corpo é obsoleto, que é apropriado se livrar dele para acessar o mundo sem limites da informação pura: existir apenas como mente, um eu sem corpo. Como disse um internauta, envolvido em uma série de comunidades virtuais para as quais ele tem uma identidade diferente em cada uma: por que dar mais importância ao eu que tem um corpo, enquanto os outros "Eus" são muito mais interessantes. Sabemos o quanto a cibersexualidade também alimenta fantasias, fascina: sexualidade sem corpo, sem o outro, sem essa prova de verdade que é a nudez de si diante do outro. Mas é claro que um mundo sem corpo é percebido como um mundo sem morte.

O tema da demiurgia não é uma simples metáfora. Há pessoas hoje que realmente se consideram Deus, isso até se tornou um lugar-comum. Eles anunciam: "por um momento, realmente me senti como um Deus. Eu tinha criado algo que decolou sozinho, que tinha uma vida autônoma". Esse discurso demiúrgico é muito encontrado na biologia, nas neurociências, é muito poderoso na cibercultura. Nessas fantasias, estaríamos à beira de um Novo Mundo, de uma nova aliança, como diz Jeremy Rifkin, pois você tem biólogos que mexem com novas formas de existência: cruzando genes, chegaremos a criar novas formas animais, cruzar

homem e animal, com a máquina, a informática, etc. Manipularemos o humano através de intervenções genéticas que modificariam sua forma e funções...

Já vemos sob nossos olhos a fantástica desigualdade dos homens em nossas sociedades. Um exemplo é o colapso da África: um continente deixado ao abandono, minado pela AIDS, com uma terrível taxa de mortalidade infantil e de mortalidade materna alta; enquanto no mundo ocidental gastam-se somas incríveis para "mexer" com o corpo e colocar, por exemplo, uma criança no mundo por assistência médica, escolhendo eventualmente as qualidades morais (obviamente totalmente fantasiosas) do embrião a ser implantado. Temos a impressão de viver em um mundo louco, onde há o sacrifício de uma parte da humanidade pela riqueza da outra. Um mundo no qual algumas pessoas têm um poder inacreditável sobre uma parte do mundo e são capazes de afundar países através de operações bancárias ou expor economias frágeis a grandes dificuldades. É um mundo que entendemos cada vez menos, mesmo para nós, sociólogos ou antropólogos. É muito difícil entender as lógicas da humanidade, as antropológicas que nos empurram para uma espécie de fuga para frente que parece questionável em muitos aspectos no plano moral e, além disso, eminentemente destrutiva.

Pergunta: Uma palavra sobre as questões bioéticas levantadas pela gestação de substituição que progride em diferentes países, com algumas derivações de mercantilização dos corpos, tal como nas vendas de órgãos?

DLB - Em uma sociedade de indivíduos, a atomização social torna difícil estabelecer princípios aplicáveis a todos, exceto em uma forma mínima. O individualismo liberal promove a liberdade de escolha individual em assuntos cotidianos e avança, portanto, um pluralismo moral, isto é, a necessidade de tolerar todos os pontos de vista morais, colocando a autonomia do eu como um bem supremo. Tal corrente questiona pouco o valor de uma prática ou suas consequências. Essa ética recusa qualquer intervenção do Estado ou do direito e aceita que o interesse de cada um guie a ação coletiva: cada indivíduo tem seus próprios valores. Tal ética não pode decidir sobre o que é bom; ela apenas pretende deixar a cada um a possibilidade de exercer sua liberdade de escolha e ação. Ela estabelece, no final das contas, uma espécie de igualdade de valores, concedendo a todos a mesma importância. Tal posição leva à dissolução da moralidade. O que é bom para mim é o que decido para mim. Mas

podemos realmente imaginar uma sociedade que se desinteressa totalmente pela combinação de escolhas individuais e deixa cada um à sua própria responsabilidade? Um Estado não tem o dever de proteger os mais vulneráveis e garantir que a escolha de alguns não prejudique a liberdade de outros?

O desaparecimento dos grandes relatos unificadores multiplica pequenas narrativas e fragmenta referências ideológicas, políticas, religiosas, culturais e associações de interesse... Em um mundo fragmentado onde culturas seculares confrontam crenças religiosas, e os valores são múltiplos e contraditórios, a bioética se esforça para indicar princípios orientadores através de deliberações que envolvem a pluridisciplinaridade e a diversidade moral dos participantes. A tarefa é estabelecer um compromisso que possa ser reconhecido pela maioria, de saber até onde ir longe demais para uns e outros. A ética é uma instância de arbitragem entre valores como autonomia, solidariedade, responsabilidade, justiça, proporcionalidade, dignidade... que entram em conflito quando grupos diferentes debatem. Ela implica uma paciência infinita para chegar a um consenso mínimo. É uma tentativa voluntarista, mas sempre controversa, de manter o vínculo social e a responsabilidade mútua. Na medida em que o outro se distancia, onde estamos menos juntos e mais lado a lado, "o imperativo categórico dá lugar ao imperativo narcisista", como diz Gilles Lipovetsky.

Agora é impossível estabelecer uma unanimidade ética em nossas sociedades. A individualização do significado promoveu a autonomia como um valor essencial, mas é precisamente um princípio que fragmenta o vínculo social, tornando-o poroso a inúmeros pontos de vista. Se cada um tem a sua própria opinião, alguns até pensando que Deus está com eles, mas não necessariamente o mesmo para todos, as regras comuns nem sempre são fáceis de definir e aplicar. Entramos no mundo liberal do "tenho todo o direito", uma fórmula que desqualifica em parte o Direito, ou do "meu corpo me pertence, faço o que quero com ele". O único limite é o da responsabilidade, mesmo que seja ocultada por muitos. Eu posso decidir por mim, mas sem tirar proveito cínico das circunstâncias, como na compra de órgãos de cidadãos de países pobres ou envolvendo uma criança que nada pediu, como no caso das mães de aluguel. Mas, claro, isso é apenas uma posição moral, pois na prática sempre se encontra em outro lugar uma legislação favorável à venda de órgãos ou às mães de aluguel e às pessoas que as solicitam. Uma das consequências inevitáveis também é o uso perverso por alguns de nossos cidadãos de uma legislação favorável em outro lugar para realizar um ato

proibido pelo nosso, enquanto reivindicam no retorno todas as vantagens próprias, jurídicas ou sociais, que foram desprezadas anteriormente. A preocupação não é mais com o compromisso, mas em conduzir seu barco indiferente aos outros. Daí o sentimento comum do crescimento da incivilidade no sentido de uma ruptura das antigas formas de tato com os outros, o desaparecimento da confiança e a indiferença a toda responsabilidade se não for notificada por um contrato jurídico. O indivíduo não se sente mais ligado aos outros, não considera mais ter contas a prestar a eles. O mundo não é mais uma responsabilidade, mas um quadro formal que vale para o desdobramento de si mesmo. As exigências narcisistas superam o sentimento de vínculo e transformam o outro em um problema a ser resolvido. O laço com o outro passa da ética para o instrumental, autorizando todos os comportamentos desde que sejam realizáveis. Eu posso facilmente dizer, ao comprar o órgão de um pobre, com seu consentimento, que é maravilhoso porque "salva vidas", o destino do doador após o procedimento não me importa absolutamente, já que o paguei, aproveitando sua miséria, e sabendo que nunca lhe daria um dos meus órgãos, nem mesmo a menor atenção em outras circunstâncias. Eu posso instrumentalizar o outro, já que não me sinto preocupado com ele e me dou uma boa consciência pagando-o.

No que me diz respeito, nunca poderia viver pensando que devo a vida a um homem ou mulher a quem retirei um órgão que provavelmente tornará sua vida mais amarga do que era, não posso imaginar por um momento pagar uma mulher para carregar uma criança que afirmarei ser minha por causa do meu DNA, fingindo ignorar que um dia essa criança se questionará dolorosamente sobre suas origens. Não é uma vaidade narcisista, mas o sentimento de que o mundo está mudando e que esses argumentos tendem hoje a ressoar como a nostalgia de um antigo mundo de valores, mesmo que sejamos infinitamente muitos a medir o cinismo do vínculo social contemporâneo, que alguns de nós podem varrer facilmente com desprezo porque pertencemos ao mundo dos privilegiados. Nesse sentido, essa fala mais pessoal é um testemunho sobre a pluralidade dos mundos morais hoje e sobre sua incompatibilidade, mesmo que a força das circunstâncias acabe impondo um ponto de vista.

Observe-se também que, nas últimas décadas, nasceu uma espécie de shopping planetário do direito: pode-se divorciar, abortar, comprar órgãos, gametas, solicitar uma barriga de aluguel, recorrer ao suicídio assistido, e muitas outras práticas em legislações

favoráveis, se a do Estado onde as pessoas vivem não as autoriza, mesmo que para isso seja necessário dispor de meios econômicos para satisfazer esses desejos. O turismo médico e jurídico é uma maneira de fazer o que se quer com as leis. Sua inscrição territorial não é mais relevante. Nenhum Estado está mais em condições de garantir a capacidade de impor um regime de Direito para todos os cidadãos. Se a prática de barrigas de aluguel ou comércio de órgãos é proibida na França, cidadãos franceses vão aos Estados Unidos para ter um filho de seus genes gerado por outra mulher, ou fazer um transplante de órgão em países favoráveis ao seu comércio, etc. A questão da utilidade do direito em um contexto de globalização de capitais e mercadorias e pulverização dos direitos subjetivos se coloca. Se a fragmentação do Direito beneficia os mais ricos, ela desapropria os mais pobres de seus direitos mais elementares, pois os cidadãos não têm as mesmas proteções que nas sociedades ocidentais. Encontramos aqui uma lógica de sacrifício dos mais desfavorecidos que analisei em "La chair à vif", que alimentou a história da anatomia e da medicina, e que hoje alimenta a bioeconomia.

Pergunta: Em um mundo que constantemente procura-se por significado, observamos o retorno frequente à experiência corporal, especialmente através da dor, que você descreve como tão universal quanto a morte. Além disso, há um desejo evidente de superar a morte, como ilustrado pelo exemplo da criogenia. Como você interpreta essa aspiração de confrontar e transcender a morte?

DLB - A criogenia é anedótica. Ela não afeta um grande número de pessoas. Reflete essa visão positivista de uma ciência que está sempre avançando e que um dia encontrará uma resposta para as doenças das quais esses homens ou mulheres morreram. Com o sentimento de que a morte é um estado reversível, o que está em consonância com o sentimento de identidades reversíveis do mundo sem corpo e sem rosto do virtual: é possível mudar de identidade facilmente e adotar esse discurso religioso que afirma que o homem chegará um dia a negar a morte, a negar a velhice, a doença. A criogenia é uma espécie de sintoma irônico de toda uma convergência de dados imaginários de nossas sociedades atuais."

Pergunta: Qual é a sua visão sobre o homem aprimorado e o transumanismo? E todos esses novos usos das novas tecnologias além do corpo reparado?

DLB - Seja como parte maldita que está sendo corrigida pelas técnicas de comunicação, ou como um caminho de salvação que substitui a alma em uma sociedade secularizada, a mesma ruptura persiste: ela coloca o homem numa posição de exterioridade, atuando de certa forma como um observador diante de seu próprio corpo. O dualismo contemporâneo de nossas sociedades opõe o indivíduo ao seu próprio corpo, diferentemente do dualismo tradicional que distingue o corpo e a mente ou a alma. Com o transumanismo, um dualismo hipermoderno faz sua aparição, opõe o cérebro ao corpo, este último sendo apenas o artefato desprezível do primeiro, uma excrescência inútil e portadora de todas as fragilidades inerentes à condição humana. Essas abordagens convergem para uma autonomização do corpo para o melhor ou para o pior, sendo simultaneamente um local de júbilo ou de ódio, eliminado como um fóssil ou corrigido como um rascunho. Em uma sociedade de indivíduos, o corpo é o ponto último onde se cruza o sentimento de si mesmo, e simultaneamente o lugar onde começa o outro. Os limites do corpo interrogam os limites do vínculo social e os limites de si mesmo.

A encarnação é uma objeção permanente à simplicidade e à brutalidade da noção de informação que comanda todas essas empresas de busca pela imortalidade, pela performance, etc. O corpo não desapareceu, ele não é nem mesmo significativamente reconfigurado para aqueles que desejam ir mais longe nesse sentido. O discurso não está à altura das realizações técnicas. Por outro lado, emerge uma nova subjetividade em nome do culto à informação, alimentada pela imersão crescente de nossos contemporâneos em um mundo virtual que responde às suas expectativas sem demora. As antigas representações do humano que colocavam a encarnação em seu centro, concorrem com outras que o veem como supérfluo, ultrapassado, obsoleto. A informação é um dado matemático, imediatamente universal, não um dado semântico, responde a uma racionalidade instrumental. Além do encantamento do discurso, o transumanismo se choca com esse limite. O humano não vive em um universo de informações, mas de significados, imerso fisicamente no mundo, e não em um modelo reconstituído ou formalizado. E graças à virtuosidade adquirida por seu pensamento e corpo, a condição de sua presença no mundo, o indivíduo a todo instante contextualiza os dados de seu ambiente, transformando-os em significados com os quais vive e age. E ele faz isso projetando os valores resultantes de sua história de vida. A relação com o mundo passa pelo corpo inteiro, pelas percepções sensoriais, emoções, fontes de sentido que o atravessam. O

pensamento é bem mais do que um tratamento de informação. O indivíduo é sensível a uma miríade de dados de seu ambiente de acordo com o interesse que lhes atribui, sabe dissipar a polissemia de uma situação relacionando-a imediatamente a um contexto específico, generaliza ou singulariza dados por intuições intuitivas para distinguir imediatamente o essencial do acessório. Um pensamento sem corpo e todo-poderoso faz pouco sentido. As tecnologias, mesmo as mais avançadas, não tornam o corpo anacrônico, a experiência corporal permanece o coração indispensável do humano. Uma humanidade fora do corpo é também uma humanidade sem sensorialidade, amputada do sabor do mundo, sem emoção, sem desejo, sem sexualidade, sem o outro.

Essas variações frequentemente fantasiosas do corpo nos mundos contemporâneos mostram que ele agora é para o indivíduo um objeto fluido, transformável, um *work in progress*. Para alguns, trata-se de transformá-lo, brincar com ele, outros querem se livrar dele, a maioria provavelmente não se preocupa muito, eles o consideram como a encarnação de sua experiência no mundo e não pensam em dispensá-lo ou em "melhorá-lo". Mas as resistências sociais são consideráveis. Assim, centenas de milhões de caminhantes em todo o mundo expressam sua felicidade de viver a encarnação sensível de seu relacionamento com o mundo, sem preocupação com performance ou eficácia. Comecei a escrever sobre a caminhada logo após terminar "L'adieu au corps", em um anseio de redescobrir a sensorialidade feliz do mundo e exausto pelo puritanismo que não parei de encontrar trabalhando sobre os extropianos ou sobre os transumanistas, que são quase exclusivamente homens, o que diz muito sobre fantasiarem a virilização, sobre o domínio que caracteriza esse tipo de discurso.

Pergunta: E a questão da dor... A consideração do homem doente e não apenas do corpo doente que você defende, parece-lhe estar avançando nas práticas médicas?

DLB - Estou dividido... Em um certo número de serviços, de fato, a dor é melhor aliviada, o campo do acompanhamento dos moribundos se desenvolveu bem, mesmo que só toque algumas dezenas de milhares de leitos, enquanto 550.000 pessoas morrem a cada ano na França. Muitos desses indivíduos morrem em grande sofrimento e com um sentimento de solidão na maioria dos hospitais ou centros de longa permanência. Os serviços de cuidados paliativos são uma espécie de vitrine em nossas sociedades. Na minha experiência com hospitais, vejo pessoas que estão engajadas em uma dimensão ética dos cuidados (isso toca

enormemente as enfermeiras e alguns médicos); mas há outros que permanecem técnicos e são relativamente pouco atentos ao acompanhamento dos doentes, continuam a não responder às suas perguntas ou de forma vaga. É uma questão muito difícil, pois não se deve generalizar. Tenho a impressão de que se pode responder: sim, a sociedade francesa fez progressos consideráveis no tratamento da dor, mas de maneira desigual de um serviço para outro. Mas na minha experiência com médicos, devo dizer que sempre fico impressionado com o humanismo e a inventividade dos médicos da dor com os quais trabalho frequentemente. Recuperamos parte do atraso, mas antes de dizer que todos os pacientes estão bem aliviados, ainda há um caminho a percorrer. Frequentemente ouço de cuidadores histórias bastante difíceis de pacientes que esperaram muito tempo antes de serem aliviados ou que nunca foram.

Pergunta: Como devemos proceder para inculcar no pessoal de saúde a consideração da dor em sua prática?

DLB - Sua pergunta pede por resposta uma utopia. Na minha opinião, seria necessário reformar a formação dos médicos, incluindo muito mais ciências humanas e sociais, e revalorizando o status dos médicos generalistas, que muitas vezes são desprezados nos hospitais. O mundo da medicina é fortemente hierarquizado, e isso não é um bom indicativo para que esses médicos tratem seus pacientes com humanidade, com um compromisso moral, com qualidade relacional e atenção à sua dor. Já na formação, há uma negação completa do humano em favor de um conhecimento formidável sobre o corpo segmentado, transformado em informações puras; e depois, nos estágios hospitalares, os jovens médicos aprendem a desprezar, a hierarquia, o espírito de casta e uma certa indiferença em relação ao doente. Portanto, seria necessário reformar totalmente as faculdades de medicina e os hospitais, o que é impensável... A introdução tímida, atualmente, das ciências humanas nas faculdades de medicina é insuficiente para mudar o espírito dos médicos. No hospital, não somos mais sujeitos, nem mesmo corpos, mas organismos. É isso que trabalhei longamente em "Anthropologie du corps et modernité" e em "La chair à vif".

Pergunta: Como você definiria o corpo na sociedade de hoje?

DLB - Em nossas sociedades fortemente individualistas, não somos mais herdeiros, não há mais caminhos predefinidos para orientar nossas existências. Para o melhor ou para o pior, somos deixados por nossa própria conta, mesmo que as restrições sociais ainda sejam poderosas. O indivíduo se legitima, a sociedade é vista apenas como um quadro formal. Assim, a produção de si mesmo é um moldar provisório de identidade, uma maneira de se inventar dentro de certos limites. O corpo é um dos aspectos essenciais deste bricolagem de si. Todos nós estamos no palco de uma sociedade do espetáculo regida por um imperativo de aparência, de visual. Os produtos de consumo se multiplicam para encenar a presença. Não há mais tabus, apenas coisas ainda impossíveis. A aparência se torna um motivo de ser, uma forma de se justificar, se afirmar, buscar reconhecimento. O olhar, então, assume uma posição essencial, somos o que os outros vêem de nós. Trata-se, em sentido figurado e real, de encontrar nossas marcas. Além disso, em nossas sociedades, o sentimento de identidade tornou-se modulável, transitamos de um visual para outro, nos produzimos para manter a vida sob controle, para nos dar pontos de referência essenciais para existir. Não faz muito tempo, vivíamos nosso corpo como uma fonte identitária imutável, definitiva. Hoje, ninguém mais vive seu corpo como um destino, mas sim como um "pré-texto". "Assinamos" nosso corpo. Mas isso ainda se refere à vida cotidiana, a se moldar através de uma disciplina, um trabalho sobre si.

A questão do gosto pela vida me parece a questão essencial. O progresso da ciência, tragicamente sabemos hoje, não tem nada a ver com um progresso moral. As técnicas são apenas meios, mas tendem a se tornar fins em si mesmas. Quando vemos o mal-estar de nossas sociedades ocidentais, o medo do futuro, o abismo aterrorizante que se abre entre ricos e pobres, entre sociedades ocidentais e outras, só podemos concluir que é hora de fazer uma pausa, de aproveitar essas riquezas redistribuindo-as de maneira mais justa, de tomar tempo para viver. Neste mundo onde as técnicas abundam, o sentido desaparece, os valores tornam-se os da performance, da eficiência, em detrimento dos valores de solidariedade e de partilha. A felicidade dos homens não é tecida na acumulação de técnicas, mas no sentido que eles dão à sua existência. Não sou ludista, claro, sou principalmente por outro uso das técnicas, e fortemente oposto à sua fetichização atual, seja na genética ou na internet. O corpo, para o melhor ou para o pior, é nossa abertura aos outros e ao mundo. O sabor do

mundo vem dos sentidos, de ver, ouvir, tocar, provar, sentir. Penso como Jankélévitch que nos cabe conjurar a mortalidade que é a nossa pela fervor de existir.

Pergunta: Suas últimas palavras me fazem pensar em seu trabalho sobre comportamentos de risco entre os jovens, onde surgem práticas ordálicas?

DLB - Uma parcela significativa da juventude está mal. As dificuldades de entrar na vida adulta são hoje enormes, e os distúrbios proeminentes afetam entre 15-20% dos adolescentes. Eles têm uma magnitude sociológica nunca vista antes e não poupam nenhuma sociedade no contexto da globalização. A questão dos comportamentos de risco é um fenômeno recente em nossas sociedades. A maioria deles se desenvolveu apenas nos anos setenta (distúrbios alimentares, dependência química, velocidade nas estradas, etc.), outros são ainda mais recentes (tiroteios em escolas, alcoolismo extremo, automutilação, dependência de videogames, da internet...). Eles acompanham a transformação do status da família e da criança, a prevalência do neoliberalismo em todos os setores da vida social, e, portanto, a emergência do que Zygmunt Bauman chama de liquidez, isto é, a obsolescência dos referenciais que tornavam a existência individual e coletiva relativamente previsível e solidária, em favor de um mundo onde reina a incerteza e o individualismo. A individualização do vínculo social, que tem se intensificado desde a queda do Muro de Berlim, contribuiu para a desinstitucionalização da família, que agora não é mais a célula elementar da sociedade, mas sim um refúgio sentimental, um local provisório e consensual de intimidade para o casal. Ela é articulada mais em torno de uma relação de proximidade entre seus membros do que em uma simbologia que distingue as posições de pais e filhos. É um lugar onde se é um com os outros, os mais próximos, mas com o mínimo de restrições e em uma negociação permanente. Hoje, a família é precária, marcada pelo declínio do casamento, pelo aumento dos divórcios ou separações, pelas reestruturações familiares, pela monoparentalidade e, portanto, para a criança, pela fragmentação da parentalidade. Ela conhece muitos filhos únicos ou fratrias reduzidas, sujeitas às vicissitudes relacionais da família nuclear. Quando o casal se separa, resta a criança.

Além disso, uma longa fase de espera e incerteza se estende entre a adolescência e a maturidade social. O futuro é marcado pela ansiedade. O provisório rege as relações amorosas, a relação com o trabalho, com a família, as tecnologias do cotidiano, que também

são obsoletas. Nossas sociedades experimentam uma extensão do período de formação e da entrada no mercado de trabalho, frequentemente através de um período de desemprego, de empregos desqualificados e transitórios. Desde os anos noventa, graduados ou não, as gerações mais jovens acumulam desemprego, estágios, empregos precários, e os graduados são frequentemente empregados abaixo de suas qualificações. A "moratória" adolescente é tanto mais difícil de viver quanto os jovens estão constantemente sendo atraídos pelo consumo e às vezes têm que esperar muito tempo antes de alcançar sua independência econômica e moral. A vontade de se libertar da tutela dos pais, de se emancipar totalmente, é contradita pela falta de meios simbólicos e materiais para alcançar plenamente essa independência. Entrar na vida adulta não é mais uma questão óbvia, mas uma conquista para muitos jovens. Nada garante que suas dificuldades sejam temporárias e que logo encontrarão uma solução favorável. Esta zona de turbulência implica um período intenso de experimentação, confronto com os outros, busca por limites de significado.

Mas sociedades de indivíduos não podem institucionalizar papéis, elas deixam a iniciativa a cada ator, entregando-o ao desafio de se diferenciar e forjar o tecido de sua existência. As referências sociais e culturais se multiplicam e competem entre si, relativizando-se mutuamente, induzindo uma interferência, uma confusão, especialmente para jovens cujos pais são imigrantes. Não há mais fundamentos seguros e consensuais para a existência. É necessário legitimar a própria existência, e às vezes fazê-lo sem os outros. Uma sociedade de indivíduos leva à individualização do significado e, portanto, à necessidade de se instituir primeiro por si mesmo, tornando a passagem da adolescência mais difícil. Esse lento processo de caminhar para si mesmo implica para alguns adolescentes mais dificuldades do que para outros que têm a evidência da existência desde o início. A juventude é múltipla, variando em condições sociais, culturais, de gênero, etc., mas as condições afetivas que envolvem o adolescente são essenciais para entender as singularidades que emergem e marcam particularmente esses comportamentos de risco. No entanto, mesmo aqui, não são nem as condições sociais nem as afetivas que prevalecem, mas o que o jovem faz com elas no decorrer de sua história.

O termo "comportamentos de risco" vem, claro, do vocabulário da saúde pública. Para o jovem, o perigo inerente a seus comportamentos parece pouco relevante diante de seu sofrimento. Ele é levado pela necessidade interna de repeti-los e raramente reflete sobre suas

consequências. Ele se expõe deliberadamente ao risco de se ferir ou morrer, de prejudicar seu futuro pessoal ou de colocar sua saúde em perigo: desafios, jogos perigosos, tentativas de suicídio, fugas, errância, alcoolismo, dependência química, distúrbios alimentares, velocidade nas estradas, violência, relações sexuais desprotegidas, recusa em seguir um tratamento médico vital, etc. Esses comportamentos disparatados colocam em perigo suas possibilidades de integração social, especialmente através da evasão escolar, e às vezes levam, como na errância, ao alcoolismo extremo, ao uso excessivo de drogas ou à adesão a uma seita, a uma dissolução temporária da identidade. Mas eles também são uma experimentação hesitante de um mundo social que ainda lhes escapa. O risco é uma matéria-prima para se construir, com a eventualidade, no entanto, de morrer ou ser ferido. A questão do gosto pela vida domina os comportamentos de risco das gerações mais jovens. Eles são uma interrogação dolorosa sobre o sentido da existência. Eles marcam nos jovens a alteração do gosto pela vida, o sentimento de estar diante de um muro intransponível, um presente que nunca acaba. Eles traduzem a busca hesitante e dolorosa por uma saída. Mas simultaneamente são maneiras de forçar a passagem, quebrando o muro de impotência sentido diante de uma situação. Eles testemunham a tentativa de escapar dela, de ganhar tempo para não morrer, para continuar vivendo. E o tempo, como disse Winnicott, é o primeiro remédio para os sofrimentos adolescentes. Essas provas que os jovens infligem a si mesmos são formas inéditas de rituais visando a auto-testagem, mas em um contexto solitário (ou às vezes com alguns amigos). Em sua diversidade, são principalmente tentativas dolorosas de ritualizar a passagem para a idade adulta para jovens para quem viver é um esforço constante. Surto de consciência, maneira de lutar e jogar a própria existência contra a morte para dar sentido e valor à vida, eles fazem parte de uma busca por limites de sentido, um ponto de parada, pelo menos provisório, às incertezas sentidas. Mas a ferida ou a morte podem ocorrer a qualquer momento, lembrando que não se pode brincar impunemente com o perigo. Ao arriscar-se, o jovem arrisca seu corpo para encontrar seu lugar no tecido do mundo e realizar um ato de passagem que finalmente o tire do sofrimento, desse estado de suspensão dolorosa. Ele se torna novamente um agente, exerce controle sobre seus sentimentos por meio do recurso a remédios paradoxais, mas que fazem parte de lógicas antropológicas eficazes e permitem continuar vivendo. Várias delas se cruzam nos comportamentos de risco dos jovens, elas não se excluem, mas se entrelaçam em cada uma delas: ordálio, sacrifício, pureza e dependência. Trata-se globalmente de buscar um

sentido para a vida através de uma provação pessoal perigosa, de pedir simbolicamente à morte uma resposta que o vínculo social não foi capaz de dar, sobre o sentido da vida, sobre seu lugar no mundo.

Pergunta: O que a recente crise da COVID-19 nos ensinou sobre os usos sociais e políticos dos corpos?

DLB - O vírus é o inimigo invisível e insidioso do qual o corpo social deve ser imunizado por meio do isolamento e contato limitado. Uma vez que os anticorpos não são suficientes para afastar o perigo, a purificação artificial se impõe através de medidas de proteção que envolvem distanciamento físico e precauções em toda interação. O mundo inteiro entrou em uma fase de liminaridade, faltando os manuais de instrução. Um período intermediário a ser domesticado para estabelecer novas ritualidades na vida cotidiana ou na interação com os outros, já que os gestos habituais de acolhimento e despedida são suspensos por imperativos higiênicos. A bacteriologia prevalece sobre a sociologia ou a política, sem anulá-las completamente, mas subordinando-as ao seu princípio. O confinamento, as medidas de proteção e a máscara constroem uma profilaxia do vínculo social, rompendo as cadeias de contágio. Isso cria uma divisão entre dois mundos que se repelem mutuamente, onde o puro é aquilo que permanece sob a égide da limpeza, no duplo sentido da palavra: não contaminado e que pertence apenas a si mesmo. A pureza é negativa, pois corresponde à luta contra a contaminação. O impuro é o reino das ameaças a serem evitadas. O vírus perturba a ordem e ameaça invadir. Todas as medidas de prevenção são formas de enganar o vírus, de ritualizar a desordem que ele cria dentro do vínculo social. A palavra "contágio" vem do latim *contagio*, do verbo *tangere*, que significa tocar. A palavra apareceu na língua francesa no início do século XIV. Mas tocar também significa contato. E agora, exceto para os mais próximos, são os rituais de evitação que são implementados. O corpo torna-se o local da vulnerabilidade, onde a doença e a morte espreitam para invadir a menor brecha. É uma ameaça, mesmo o corpo dos nossos entes queridos que podem ser portadores assintomáticos do vírus. O isolamento e as medidas de proteção (distanciamento físico, máscaras...) destacam seu status de periculosidade. Suas matérias voláteis podem se espalhar para fora do indivíduo. Uma relação puritana com o corpo se impõe, na necessidade de controlar suas relações e contatos por meio de vigilância e higiene. O corpo é transformado em uma cidadela sitiada. Uma

vigilância meticulosa é imposta às suas fronteiras. É necessário vedá-las, barricá-las. O apagamento ritualizado do corpo, que eu analisei em *Anthropologie du corps et modernité*, é intensificado. É preciso lavar-se, purificar-se incessantemente com o uso de máscaras, respeitando o distanciamento físico e lavando as mãos com gel hidroalcoólico, desconfiando de qualquer contato com estranhos. O corpo torna-se uma fonte de poluição, especialmente o corpo do outro. As zonas de abertura, os interstícios, são locais propícios à contaminação, mas nenhum corpo é impermeável, pois o indivíduo não é, e os contatos com os outros ou objetos tocados por eles são incontáveis no cotidiano. Assim como toda fronteira tem seus contrabandistas, o vírus tem muitos meios de contornar essas precauções ao menor relaxamento. Nas medidas de precaução implementadas pelos Estados em todo o mundo, considerar a afirmação de um biopoder não faz muito sentido. Nesse contexto de perigo sanitário, o preço da preservação da saúde é uma restrição necessária das liberdades, mas da mesma maneira que um doente é às vezes relutantemente forçado a ficar de cama antes de sua recuperação. Quem não segue as regras de proteção e proteção dos outros participa na propagação do vírus, muitas vezes sem saber. A luta contra a pandemia implica um princípio cívico de solidariedade e responsabilidade. O quadro ético e normativo estabelecido pelos médicos e políticos em termos de precauções sanitárias, embora amplamente respeitado, foi continuamente contestado em suas margens. Para alguns governantes populistas, a Covid-19 era apenas uma "gripe leve", inofensiva, no contexto de uma mentira internacional para subjugar as populações (com que propósito?). Seus países foram os mais afetados pela pandemia, e sua negligência foi um desastre absoluto para suas populações.

Pergunta: Por trás das máscaras, o desaparecimento dos rostos, dos risos ou sorrisos...

DLB - Em nossas sociedades ocidentais, o ato de mostrar o rosto nu no espaço público parece natural. A crise sanitária ligada à Covid-19 veio como um *trickster*, perturbando ironicamente esses costumes. O mundo inteiro então entrou em uma fase de liminaridade, faltando os manuais de instrução. Até então, o uso familiar da máscara era principalmente entre o pessoal de saúde, especialmente em cirurgias ou em serviços que exigem assepsia rigorosa. De forma legítima em contexto pandêmico, o uso da máscara se impõe nos espaços públicos. Necessária do ponto de vista profilático, essa ocultação do rosto, no entanto, adiciona ao embaçamento social e à fragmentação de nossas sociedades. No mais elementar, nem sempre

é fácil identificar nossos interlocutores, mesmo que fossem bem conhecidos na época em que o rosto descoberto era comum. Por trás da máscara, perdemos toda singularidade, mas também o prazer de observar os outros ao nosso redor, o flâneur urbano é despojado de uma parte de seu prazer. A reciprocidade das trocas dentro do vínculo social implica a identificação mútua dos rostos. As expressões faciais indicam a ressonância de nossas palavras no outro. Reguladoras da troca, elas permitem um ajuste mútuo. No entanto, a máscara só deixa aparecer a testa e os olhos, ela desfigura o indivíduo porque o rosto é uma *gestalt*; se faltam o nariz, os lábios ou a boca, só resta um fantasma. A pessoa não é mais reconhecível, além disso, não é mais possível seguir em seus traços o eco de nossas palavras. Os pontos de referência familiares se desfazem. A testa e os olhos não têm a mesma amplitude expressiva do rosto inteiro. Até mesmo o sorriso não é mais discernível. Rugas na testa podem indicar tanto um sorriso quanto irritação, raiva, cansaço ou um bocejo. Procuramos em posturas e gestos, e principalmente na voz, os sinais do engajamento do outro. A desfiguração dos traços altera a representação social do indivíduo. Uma aula ou conferência nesse contexto introduz um sentimento de estranheza inquietante. Privado de rosto, sob a máscara, o público parece curiosamente inerte, pois ninguém mais vê a mobilidade dos traços, apenas a protuberância de um olhar enigmático. O orador é privado dos pontos de referência que alimentam a atenção e a empatia a seus argumentos. Desde então, a intervenção é exaustiva e ingrata, mesmo que o fato de elevar a voz e acentuar as entonações tente compensar a ausência dos sinais do rosto por uma entonação mais marcada.

Pergunta: Qual balanço você pode fazer desses 50 anos de observações e pesquisas em torno do corpo? Quais são os desafios?

DLB - Ainda estou em jornada, questionando-me incansavelmente. Trabalhar sobre o corpo foi para mim uma maneira de abordar muitos assuntos que me apaixonam, numa lógica que me levava de uma pesquisa a outra, sempre com uma dimensão ética maior, especialmente quando trabalhei sobre os usos que a medicina faz do corpo, notadamente no contexto dos transplantes, na área da dor que comecei a explorar em meados dos anos noventa, uma época em que a França estava muito atrasada em relação a outras sociedades. Imediatamente, fui envolvido por médicos que lutavam por um melhor cuidado e que viam no meu trabalho uma extensão, através da antropologia, do que eles defendiam com base em sua experiência. O

domínio dos comportamentos de risco no qual me envolvi muito também apresenta desafios éticos essenciais. Trabalhar sobre o corpo implica constantemente questões sociais, políticas, mas principalmente éticas. A antropologia, por definição e método, quebra as fronteiras temporais e espaciais, abre espaço e tempo para apropriar-se de uma pluralidade de existências sociais e culturais, oferecendo assim como objeto de investigação a mais ampla gama de humanidades. Ela é a ciência da pluralidade de mundos, da heterogeneidade social e cultural, uma ciência do homem em suas relações com o mundo e com os outros. É um empreendimento de tradução das culturas para alcançar a ciência do homem por excelência. Ela também rompe as fronteiras disciplinares, especialmente pelo seu esforço de uma abordagem totalizante dos fatos humanos. A diferença é a matéria-prima de seu interesse pelo mundo, ela se dedica a pensar a alteridade e a identidade, o Outro em Si e o Si no Outro. O outro não é confinado em um status de alteridade, não é restrito à sua diferença, mas interrogado a seu respeito para melhor compreender a si mesmo. O Outro é o desvio que leva a Si, assim como o Si é o desvio que leva ao Outro. Oscila entre o particular e o universal, buscando compreender como um e outro se entrelaçam, através de uma perspectiva da diversidade, tenta destacar as antro-po-lógicas, as lógicas de humanidade que encontram sua formulação singular em um grupo, enquanto se conectam a um conjunto mais amplo. A antropologia implica, portanto, uma abordagem comparativa entre diversas construções sociais e culturais. Nesse sentido, é um "olhar distante", um estudo da condição humana, mas que se interessa pelo mais concreto, partindo do particular para buscar o universal e vice-versa, já que o homem nunca aparece senão em uma condição social e cultural dada.

Pergunta: Última pergunta, um pouco mais pessoal. O que tem guiado sua jornada em torno do corpo desde "Corps et sociétés" (seu primeiro livro)? Porque, ao lê-lo, tem-se a impressão de uma busca pelo Graal... Um pouco como o último defensor do homem diante da tecnociência...

DLB - Comecei a trabalhar sobre o corpo quando era estudante. Realizei uma tese de terceiro ciclo com Jean Duvignaud sobre as relações entre corpo e poder, articulando em torno do conceito gramsciano de hegemonia. Nela, abordava o status da mulher, do doente, do deficiente no Ocidente do final dos anos 1980. Na minha tese de doutorado, sob a direção de Pierre Ansart, comecei a desenvolver as bases de uma antropologia do corpo e publiquei,

entretanto, "Corps et sociétés". A antropologia do corpo é meu eixo principal, mas não é o único. Trabalho também muito sobre a antropologia dos comportamentos de risco. E escrevi sobre o silêncio, o rosto, o sorriso, o riso, a caminhada, a aventura, etc. Tenho uma curiosidade infinita em relação ao mundo, tudo me fascina. Esta evocação que acabei de fazer do meu trabalho é apenas o aspecto mais público, pois se traduziu em livros. Escrevo frequentemente prefácios para catálogos de exposições de arte contemporânea. Escrevi para o teatro e publiquei um romance, etc. Tenho uma voracidade por conhecimento, busco compreender. Meu Graal é mais compreender o mundo em que vivo, entender minha humanidade singular no encantamento de existir e num sentimento muito agudo da minha responsabilidade em relação aos outros, ao mundo. Isso faz com que eu frequentemente permaneça um adolescente ferido pelas coisas que vejo. Minha maneira de responder a todas essas questões é escrever, sem a escrita não sei como poderia existir.

Pergunta: Algum conselho para jovens pesquisadores?

DLB - Aquilo que repeti durante toda a minha carreira: que nunca esqueçam a infinita complexidade e as ambivalências das sociedades humanas. Hoje, cada vez mais nas universidades, a argumentação e a confrontação de pontos de vista cedem lugar à intimidação, à afirmação de uma identidade rígida. A infinita sutileza e complexidade do mundo se dissolve em posições arrogantes ou em ameaças contra aqueles que pensam um pouco diferente. A histeria dos debates prevalece sobre o exame tranquilo e amigável dos fatos. Polêmicas frequentemente infundadas multiplicam-se na cena midiática, onde a impossibilidade de ouvir o outro resulta em insultos ou em simplificações extremas de seu pensamento. A indignação é exagerada, com apelos ao ódio ou ao assassinato em nome, às vezes, do que Freud chamava de "narcisismo das pequenas diferenças". O pathos supera o logos, apenas a emoção é ouvida. A paciência da argumentação, as nuances, o lembrete das exceções... tudo isso não tem mais lugar. A cultura do cancelamento, a cultura da liquidação do outro, traduz a vontade de varrer todas as nuances ao redor. O wokeísmo é parte dessa intolerância absoluta à existência de ideias diferentes das próprias, apelando frequentemente ao boicote, à censura de certos escritores ou artistas. Movimentos de emancipação, ao longo da última década, mudaram seu foco do universalismo para a reivindicação de uma identidade fixa e barricada, mesmo contra mínimas diferenças. Não se trata mais de mudar o

mundo, mas de estabelecer incontáveis categorias em torno do "narcisismo da pequena diferença". Agora insiste-se em suas próprias dores e humilhações, extrai-se de uma história antiga fatos revoltantes, considerando-os como ainda afetando os descendentes daqueles que os perpetraram. Uma busca por reconhecimento levada ao extremo busca visibilidade, emoção, raiva. A identidade deixa de ser movimento e multiplicidade para se tornar única e definitiva, sem alteridade em si, apenas o mesmo. A atribuição identitária, cuja rejeição era central em todas as antigas lutas contra o racismo, o sexismo, etc., agora se torna uma reivindicação de certos grupos. Espero que muitos de nossos jovens saibam resistir a esse espírito do tempo.